

## LITERATURA E MATEMÁTICA: EXPRESSÕES DO GÊNIO HUMANO

*Caio Junqueira Maciel*

### TEXTO 1

- *E aquele cidadão que vem vindo sem ser chamado? – perguntou Emília apontando para um senhor de ar carrancudo que vinha vindo.*
- *Aquele é o **Problema** – explicou o Visconde. Um sujeito que gosta de ser resolvido, espécie de charada. Ele dá umas tantas indicações e por meio delas a gente de descobrir o xis, isto é, descobrir uma terceira coisa.*
- *que ar grave e casmurro ele tem!*
- *Não é para menos. Todos os Problemas vivem preocupados em encontrar uma certa senhora dona.*
- *Quem é ela?*
- *Dona **Solução**, justamente a que vem entrando.*

*Vinha entrando uma dama de roso alegre e ar  
feliz, verdadeira cara de quem acaba de  
descobrir a pólvora. E muito pernóstica.  
(LOBATO, 1965, 193)*

## TEXTO 2

*No fundo, no fundo,  
bem lá no fundo,  
a gente gostaria  
de ver nossos problemas  
resolvidos por decreto*

*a partir desta data,  
aquela mágoa sem remédio  
é considerada nula  
e sobre ela — silêncio perpétuo*

*extinto por lei todo o remorso,  
maldito seja quem olhar pra trás,  
lá pra trás não há nada,  
e nada mais*

*mas problemas não se resolvem,  
problemas têm família grande,  
e aos domingos  
saem todos a passear*

*o problema, sua senhora  
e outros pequenos probleminhas.*(LEMINSKI,  
1987, 44)

### TEXTO 3

*E adorei a charge do Sinovaldo na aula de matemática: “Joãozinho, se uma refinaria vale 45 e pagamos 1,3 bilhões, quanto perdemos?”. “A vergonha na cara. (...) E o site Futirinhas fez uma pesquisa Ipea no futebol: 1) Ipea afirma que 50% da população brasileira é torcedora do Botafogo! 2) Ipea afirma que 90% dos torcedores do Santos têm menos de 40 anos. 3) Ipea afirma que apenas 10% dos torcedores corintianos tiveram passagem pela polícia. 4) Ipea afirma que 95% dos flamenguistas sabem ler. 5) Ipea afirma que em 90% das vezes que o Pelé dá uma opinião, ela é respeitada! (SIMÃO, 2014, 9)*

### Texto 4

*O sábio Galileu toma o compasso,  
E sem voar ao Céu, calcula, e mede  
Das Estrelas, e Sol o imenso espaço.*

*Enquanto pois, Marília, a vária gente  
Se deixa conduzir do próprio gosto,  
Passo as horas contente  
Notando as graças do teu lindo rosto.  
Sem cansar-me a saber se o Sol se move;  
Ou se a terra volteia, assim conheço  
Aonde chega o poder do grande  
Jove.(GONZAGA, 1992, 44)*

## TEXTO 5

*A culpa era dele, bem o sabia. Era um  
inadaptado, um incapaz para a vida prática. Homem  
como ele não nascera para o casamento, para a  
vida do lar. Não tinha jeito para ganhar dinheiro, era  
incapaz de prover às necessidades da família. Maria  
Rosa tinha razão, quase sempre. Ela era o Bom  
Senso. Ele era o Sonho. Nunca vão juntos os dois.  
Ouvia humildemente, com uma resignação fatalista,  
os destemperos da esposa. Maria Rosa não era*

*uma inimiga. Maria Rosa era o outro lado da vida. O lado em que não daria coisa nenhuma, em que ele sempre fracassara e fracassaria. O duro. O difícil. O sem cadência nem rima. O do seu permanente naufrágio.*(LESSA, s/d, 46)

## TEXTO 6

*O preço do feijão  
não cabe no poema. O preço  
do arroz  
não cabe no poema.  
Não cabem no poema o gás  
a luz o telefone  
a sonegação  
do leite  
da carne  
do açúcar  
do pão.*

*O funcionário público  
não cabe no poema  
com seu salário de fome  
sua vida fechada  
em arquivos.*

*Como não cabe no poema  
o operário  
que esmerila seu dia de aço  
e carvão  
nas oficinas escuras*

*– porque o poema, senhores,  
está fechado: “não há vagas”  
Só cabe no poema  
o homem sem estômago  
a mulher de nuvens  
a fruta sem preço*

*O poema, senhores,  
não fede  
nem cheira. (GULLAR, 1977,70)*

## TEXTO 7

*O poema é antes de tudo um inutilensílio.*

*Hora de iniciar algum  
convém se vestir de roupa de trapo.*

*Há quem se jogue debaixo de carro  
nos primeiros instantes.*

*Faz bem uma janela aberta.  
Uma veia aberta.*

*Pra mim é uma coisa que serve de nada o  
poema  
Enquanto vida houver*

*Ninguém é pai de um poema sem  
morrer.(BARROS, 1990, 208)*

## TEXTO 8

*Às folhas tantas  
do livro matemático  
um Quociente apaixonou-se  
um dia  
doidamente  
por uma Incógnita.  
Olhou-a com seu olhar inumerável  
e viu-a do ápice à base  
uma figura ímpar;  
olhos rombóides, boca trapezóide,  
corpo retangular, seios esferóides.  
Fez de sua uma vida  
paralela à dela  
até que se encontraram  
no infinito.  
"Quem és tu?", indagou ele  
em ânsia radical.  
"Sou a soma do quadrado dos catetos.  
Mas pode me chamar de Hipotenusa."  
E de falarem descobriram que eram  
(o que em aritmética corresponde  
a almas irmãs)  
primos entre si.  
E assim se amaram  
ao quadrado da velocidade da luz*



*numa sexta potenciação  
traçando  
ao sabor do momento  
e da paixão  
retas, curvas, círculos e linhas sinoidais  
nos jardins da quarta dimensão.  
Escandalizaram os ortodoxos das fórmulas  
euclidiana  
e os exegetas do Universo Finito.  
Romperam convenções newtonianas e  
pitagóricas.  
E enfim resolveram se casar  
constituir um lar,  
mais que um lar,  
um perpendicular.  
Convidaram para padrinhos  
o Poliedro e a Bissetriz.  
E fizeram planos, equações e diagramas para o  
futuro  
sonhando com uma felicidade  
integral e diferencial.  
E se casaram e tiveram uma secante e três  
cones  
muito engraçadinhos.  
E foram felizes  
até aquele dia  
em que tudo vira afinal*

*monotonia.*

*Foi então que surgiu*

*O Máximo Divisor Comum*

*freqüentador de círculos concêntricos,  
viciosos.*

*Ofereceu-lhe, a ela,*

*uma grandeza absoluta*

*e reduziu-a a um denominador comum.*

*Ele, Quociente, percebeu*

*que com ela não formava mais um todo,  
uma unidade.*

*Era o triângulo,*

*tanto chamado amoroso.*

*Desse problema ela era uma fração,*

*a mais ordinária.*

*Mas foi então que Einstein descobriu a*

*Relatividade*

*e tudo que era espúrio passou a ser  
moralidade*

*como aliás em qualquer*

*sociedade. (FERNANDES, 1980, 35)*

## TEXTO 9

*“São Paulo, 14-1-39*

*Malba Tahan:*

*‘O homem que calculava’ já me encantou duas vezes e ocupa lugar de honra entre os livros que conservo. Falta nele um problema – o cálculo da soma de engenho necessário para a transformação do deserto da abstração matemática em tão repousante oásis. Só Malba Tahan faria obra assim, encarnação que ele é da sabedoria oriental – obra alta, das mais altas, e só necessita de um país, que devidamente a admire; obra que ficará a salvo das vassouradas do Tempo como a melhor expressão do binômio ‘ciência-imaginação’.*

*Que Allah nunca cesse de chover sobre Malba Tahan a luz que reserva para os eleitos.*

*Monteiro Lobato.” (TAHAN, 1958, 223)*

## TEXTO 10

*- Senhor Vizir! Quero crer que se encontram, agora, neste pátio, 257 camelos!*

*- É isso mesmo – confirmou o vizir. (...)*

*- E como chegou a esse resultado tão depressa, e com tanta precisão? – indagou, com indisfarçável curiosidade, o poeta lezid.*

*- Muito simplesmente – explicou Beremiz. – Contar os camelos, um por um, seria, a meu ver, tarefa sem interesse, do valor de uma bagatela. Para tornar mais interessante o problema, procedi da seguinte forma: contei primeiro todas as pernas e em seguida as orelhas: achei, desse modo, um total de 1541. A esse total juntei uma unidade, e dividi o resultado por 6. Feita essa pequena divisão, encontrei o quociente exato: 257! (...) Ao contar as orelhas, notei que um dos camelos era defeituoso (só tinha uma orelha). Para que a conta ficasse certa era preciso acrescentar 1 ao total obtido.(TAHAN, 2013,39)*

## TEXTO 11

*“Atrás do camelo quatro mil árabes corriam, pés nus, gesticulando, rindo como loucos e fazendo rebrilhar ao sol seiscentos mil dentes mui mui alvos.” – Um simples divisão de números*

*inteiros nos mostra que Daudet, cuja vivacidade de espírito é inconfundível, atribuiu um total de 150 dentes para cada árabe, transformando os quatro mil perseguidores em criaturas fenomenais. (TAHAN, 2012, 15)*

#### TEXTO 12

*Tropeiam, agora, socornando e arfando, mais os alcantis encapelados, eriçados de pontas, guardam uma fidelidade de ritmos, escorrendo estrada avante. E o chapadão atroa, à percussão debulada dos mil oitocentos e quarenta cascos de unha dupla.(ROSA, 1967, 26)*

#### TEXTO 13

*Eu tinha doze garrafas de uísque na minha adega e minha mulher me disse para despejar todas na pia, porque se não...*

*- Assim seja! Seja feita a vossa vontade, disse eu, humildemente. E comecei a desempenhar, com religiosa obediência, a minha ingrata tarefa.*

*Tirei a rolha da primeira garrafa e despejei o seu conteúdo na pia, com exceção de um copo, que bebi.*

*Extraí a rolha da segunda garrafa e procedi da mesma maneira, com exceção de um copo, que virei.*

*Arranquei a rolha da terceira garrafa e despejei o uísque na pia, com exceção de um copo, que empinei.*

*Puxei a pia da quarta rolha e despejei o copo na garrafa, que bebi.*

*Apanhei a quinta rolha da pia, despejei o copo no resto e bebi a garrafa, por exceção.*

*Agarrei o copo da sexta pia, puxei o uísque e bebi a garrafa, com exceção da rolha.*

*Tirei a rolha seguinte, despejei a pia dentro da garrafa, arrolhei o copo e bebi por exceção.*

*Quando esvaziei todas as garrafas, menos duas, que escondi atrás do banheiro, para lavar a boca amanhã cedo, resolvi conferir o serviço que tinha feito, de acordo com as ordens da minha mulher, a quem não gosto de contrariar, pelo mau gênio que tem.*

*Segurei então a casa com uma mão e com a outra contei direitinho as garrafas, rolhas, copos e pias, que eram exatamente trinta e nove. Quando a casa passou mais uma vez pela minha frente, aproveitei para recontar tudo e deu noventa e três, o que confere, já que todas as coisas no momento estão ao contrário.*

*Para maior segurança, vou conferir tudo mais uma vez, contando todas as pias, rolhas, banheiros, copos, casas e garrafas, menos aquelas duas que escondi e acho que não vão chegar até amanhã, porque estou com uma sede louca ...(ITARARÉ, 1986, 31)*

## TEXTO 14

*Quando esta história se inicia já se passaram quinhentos anos, tal a lentidão com que ela é narrada. Estão sentadas à beira de uma estrada três tartarugas jovens, com 800 anos cada uma, uma tartaruga velha com 1.200 anos, e uma tartaruga bem pequenininha ainda, com apenas 85 anos. As cinco tartarugas estão sentadas, dizia eu. E dizia-o muito bem pois elas estão sentadas mesmo. Vinte e oito anos depois do começo desta história a tartaruga mais velha abriu a boca e disse:*

*- Que tal se fizéssemos alguma coisa para quebrar a monotonia dessa vida?*

*- Formidável - disse a tartaruginha mais nova, 12 anos depois - vamos fazer um pique-nique?*

*Vinte e cinco anos depois as tartarugas se decidiram a realizar o pique-nique. Quarenta anos depois, tendo comprado algumas dezenas de latas de sardinha e várias dúzias de refrigerante, elas partiram. Oitenta anos depois chegaram a um lugar mais ou menos aconselhável para um pique-nique.*

*- Ah - disse a tartaruginha, 8 anos depois - excelente local este!*

*Sete anos depois todas as tartarugas tinham concordado. Quinze anos se passaram e, rapidamente elas tinham arrumado tudo para o convescote. Mas, súbito, três anos depois, elas perceberam que faltava o abridor de latas para as sardinhas.*

*Discutiram e, ao fim de vinte anos, chegaram à conclusão de que a tartaruga menor devia ir buscar o abridor de latas.*



*- Está bem - concordou a tartaruginha, três anos depois - mas só vou se vocês prometerem que não tocam em nada enquanto eu não voltar.*

*Dois anos depois as tartarugas concordaram imediatamente que não tocariam em nada, nem no pão nem nos doces. E a tartaruginha partiu.*

*Passaram-se cinqüenta anos e a tartaruga não apareceu. As outras continuavam esperando. Mais 17 anos e nada. Mais 8 anos e nada ainda. Afinal uma das tartaruginhas murmurou:*

*- Ela está demorando muito. Vamos comer alguma coisa enquanto ela não vem?*

*As outras concordaram, rapidamente, dois anos depois. E esperaram mais 17 anos. Aí outra tartaruga disse:*

*- Já estou com muita fome. Vamos comer só um pedacinho de doce que ela nem notará.*

*As outras tartarugas hesitaram um pouco mas, 15 anos depois, acharam que deviam esperar pela outra. E se passou mais um século nessa espera. Afinal a tartaruga mais velha não pôde mesmo e disse:*

*- Ora, vamos comer mesmo só uns docinhos enquanto ela não vem.*

*Como um raio as tartarugas caíram sobre os doces seis meses depois. E justamente quando iam morder o doce ouviram um barulho no mato por detrás delas e a tartaruguinha mais jovem apareceu:*

*- Ah, murmurou ela - eu sabia, eu sabia que vocês não cumpririam o prometido e por isso fiquei escondida atrás da árvore. Agora não vou buscar mais o abridor, pronto!*  
(FERNANDES, 1980, 43)

## TEXTO 15

Sete anos de pastor Jacob servia  
Labão, pai de Raquel, serrana bela;  
Mas não servia ao pai, servia a ela,  
E a ela só por prémio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,  
Passava, contentando-se com vê-la;  
Porém o pai, usando de cautela,  
Em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos  
Lhe fora assi negada a sua pastora,  
Como se a não tivera merecida;

Começa de servir outros sete anos,  
Dizendo: – Mais servira, se não fora  
Para tão longo amor tão curta a vida!

(CAMÕES,  
<http://pensador.uol.com.br/frase/NTM2ODI4/>)

## TEXTO 16

*Deus pede estrita conta do meu tempo,  
E eu vou, do meu tempo, dar-lhe conta;  
Para dar minha conta feita a tempo,  
O tempo foi me dado, e não fiz conta.*

*Mas, como dar, sem tempo, tanta conta,  
Eu que gastei sem conta, tanto tempo?  
Não quis, sobrando tempo, fazer conta,  
Hoje quero dar conta, e não tenho tempo.*

*Ó vós, que tendes tempo sem ter conta,  
Não gasteis vosso tempo em passatempo.  
Cuidar, enquanto é tempo, em vossa conta.*

*Pois aqueles que, sem conta, gastam tempo,  
Quando tempo chegar de prestar conta,  
Chorarão, como eu, o não ter tempo.*

(<http://saber-literario.blogspot.com.br/2011/05/conta-e-tempo-poesia.html>)

## TEXTO 17

*“Eis o túmulo que encerra Diofanto – maravilha de contemplar! Com um artifício aritmético a pedra ensina a sua idade: Deus concedeu-lhe passar a sexta parte de sua vida na juventude; um duodécimo na adolescência; um sétimo, em seguida, foi passado num casamento estéril. Decorreram mais cinco anos, depois do que lhe nasceu um filho. Mas esse filho – desgraçado e, no entanto, bem amado! – apenas tinha atingido a metade da idade de seu pai e morreu. Quatro anos ainda, mitigando a própria dor com o estudo da ciência dos números, passou-os*

*Diofanto, antes de chegar ao termo de sua existência". Em linguagem algébrica, o epigrama seria traduzido pela seguinte equação do primeiro grau na qual  $x$  representa o número de anos que viveu Diofanto:  $x/6 + x/12 + x/7 + 5 + x/2 + 4 = x$  (TAHAN, 2012, 135)*

### *TEXTO 18*

*O todo sem a parte não é todo  
A parte sem o todo não é parte,  
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,  
Não se diga, que é parte, sendo todo. (MATOS, 1998, 11)*

### *TEXTO 19*

*Casemo no ano de quinze  
Na seca de vinte e três.*

*(...)*

*Ela parece um limão  
Rodeado de cebola,  
Uma goiabeira verde  
Enfeitada de ceroula...*

(...)

*Quando uma vez eu cantava,  
Bem cedinho, à meia-noite.*

(...)

*Quando Jesus veio ao mundo,  
Foi só pra fazê justiça,  
Com treze ano de idade  
Discutiu com a doutoriça,  
Com trinta ano depois  
Sentou praça na puliça.*(LIMEIRA, 2008, p.253)

## TEXTO 20

*“A Saudade é calculada  
Por Algarismos, também:  
Distância multiplicada  
Pelo fator querer-bem.”* (TAHAN, 2013, 188)

## TEXTO 21

*Dos setenta quilos que tenho*

*metade são de palavras dúbias  
que guardo nessa memória estúpida  
abaixo da guilhotina poética  
do verbo com sua fúria.*

*A outra metade é a fábrica  
que a alma constrói na garganta  
de um pássaro de asa sintética  
(que voa dentro de mim).*

*Dos setenta quilos que tenho  
um terço é da ávida amada  
que às vezes sendo telúrica  
me geografiza no mapa  
e outras vezes elástica  
me paralisa na bússola.*

*Dos setenta quilos que tenho*

*cinquenta por cento é o poema  
que a vida faz sobre a morte  
e outras medidas do eu.*

*A outra metade é o lixo  
- que esterca o que se perdeu –  
na hipótese de um teorema  
que sintetizo no corte  
de uma palavra obscena.*

*Das setenta léguas que ando  
na corda bamba do medo  
setenta fiz em segredo.*

*Das setenta vidas que tenho  
metade foi gasta no susto  
e a outra metade morreu.*

*Se algo sobrar eu ajusto  
no Tempo – o Relógio – eu*



*invento  
no espelho o espólio  
de Orfeu.*

*Dos setenta quilos que temos  
cem por cento é poesia  
o resto é só geometria  
figura, teatro & cinema.(BARRETO, 1989, 109)*

## TEXTO 22

*“As coisas em si mesmas não são nem grandes  
nem pequenas, e quando nós achamos que o  
universo é vasto, essa ideia é puramente  
humana. Se ele fosse reduzido de súbito ao  
tamanho de uma avelã, todas as coisas  
conservando as suas proporções, nós não  
poderíamos perceber essa mudança. A Estrela  
Polar, fechada conosco dentro da avelã,*

*gastaria, como no passado, cinquenta anos para nos enviar a sua luz.”(TAHAN, 2012, 170)*

## TEXTO 23

*Uma árvore é tão grande se a gente olha lá para cima mas do alto de uma montanha ela parece tão pequenina.*

*Grande ou pequena depende do quê?*

*Depende de onde a gente vê.*

*O domingo é tão curto os outros dias duram tanto,*

*nas horas eles são iguais*

*a diferença deve estar naquilo que a gente faz.*

*O amanhã de ontem é hoje, o hoje é o ontem de amanhã;*

*dentro dessa complicação quem tem uma explicação?*

*Dá até para perguntar se o amanhã nunca chega,*

*e também para pensar hoje, ontem, amanhã  
depende do quê,  
depende do jeito que você vê.*

<http://pt.slideshare.net/jozimares/o-frio-pode-ser-quente>)

#### TEXTO 24

*Sempre brinco , com um fundo de total verdade,  
que uma equação é um poema condensado. A  
mesma beleza que existe ao desvendar um  
segredo da matemática se repete ao  
mergulharmos na alma de um personagem. Não  
acredito que literatura e matemática sejam  
produtos de lados diferentes do cérebro. São  
apenas criações do gênio humano.(LUÍS  
GIFFONI)*

#### TEXTO 25

*É o “faz de conta” dos brinquedos infantis*

*É o fosse de conta, o faz que passa*

*O passa e conta, o faz ou fosse*

*Todo universo é um só brinquedo de criança:*

*Entretidos com ele os sábios morrem, cansados de brincar.*

*Bem perto, passou, de repente, um fragmento de tempo:*

*Um fragmento de pretérito perfeito,*

$$\begin{array}{c}
 \vec{0} \mid 0 \mid 0 \mid 0 \mid 0 \mid \emptyset \mid \frac{1}{\infty} \mid \frac{1}{n} \mid (n \rightarrow \infty) \mid 0,00000\dots 1 \mid \\
 \mid 0.00 \mid 0.0_{10}^{-7} \mid -0_{10} \mid 4 \mid \dots \mid 0.0 \mid \dots \mid \downarrow \uparrow \mid \downarrow \uparrow \downarrow \uparrow \mid \dots
 \end{array}$$

(CARDOZO,1979,132)

## TEXTO 26

*O dente morde a fruta envenenada*

*a fruta morde o dente envenenado*

*o veneno morde a fruta e morde o dente*

*o dente, se mordendo, já descobre*

*a polpa deliciosíssima do nada.*

(ANDRADE,1977,361)

## TEXTO 27

*- Qué apanhá sordado?*

- O quê?

- *qué apanhá?*

*Pernas e cabeças na calçada.* (ANDRADE, 1972, p.32)

## TEXTO 28

### POEMA DE SETE FACES

*Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.*

*As casas espiam os homens  
que correm atrás de mulheres.  
A tarde talvez fosse azul,  
não houvesse tantos desejos.*

*O bonde passa cheio de pernas:  
pernas brancas pretas amarelas.  
Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu  
coração.  
Porém meus olhos  
não perguntam nada.*

*O homem atrás do bigode  
é sério, simples e forte.  
Quase não conversa.*

*Tem poucos, raros amigos  
o homem atrás dos óculos e do bigode,*

*Meu Deus, por que me abandonaste  
se sabias que eu não era Deus  
se sabias que eu era fraco.*

*Mundo mundo vasto mundo,  
se eu me chamasse Raimundo  
seria uma rima, não seria uma solução.  
Mundo mundo vasto mundo,  
mais vasto é meu coração.*

*Eu não devia te dizer  
mas essa lua  
mas esse conhaque  
botam a gente comovido como o diabo.  
(ANDRADE, 1977, 53)*

## TEXTO 29

*7 a 2*

*3 a 1*

*a injustiça de Cette*

*4 a 0*

*2 a 1*

*2 a 0*

*3 a 1*

*E meia dúzia na cabeça dos portugueses.  
(ANDRADE, 1972, 62)*

## TEXTO 30

*O preto no branco,  
O pente na pele:  
Pássaro espalmado  
No céu quase branco.*

*Em meio do pente,  
A concha bivalve  
Num mar de escarlata.  
Concha, rosa ou tâmara?*

*No escuro recesso,  
As fontes da vida  
A sangrar inúteis  
Por duas feridas.*

*Tudo bem oculto  
Sob as aparências  
Da água-forte simples:  
De face, de flanco,  
O preto no branco. (BANDEIRA, 1967, 133)*

## TEXTO 31

### *CHICO*

- *Quando atrasa, preocupa.*
- *Quando chega, incomoda.*
- *Menstruação?*
- *Não, meu marido. (OLIVEIRA,2004,159)*

## TEXTO 32

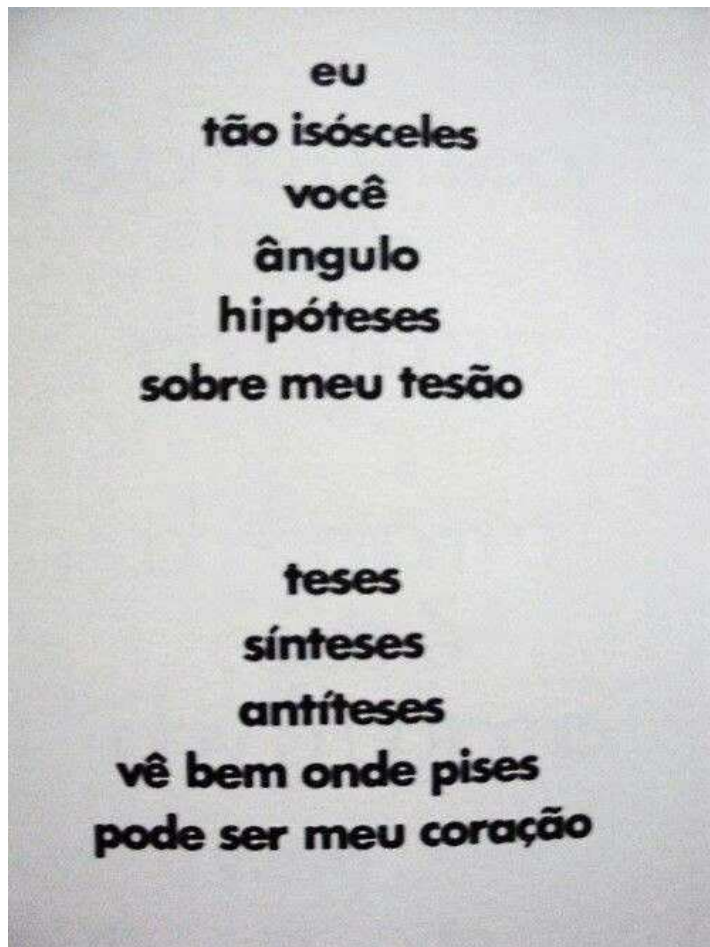
*- Se pedaço de melancia é Fração, vivam as Frações! – gritou Pedrinho.(LOBATO, 1965, 245)*

## TEXTO 33

*A Matemática, que ensina o homem a ser simples e modesto, é a base de todas as ciências e de todas as artes. (TAHAN, 2013,82)*

## TEXTO 34





(LEMINSKI, 1983, 117)

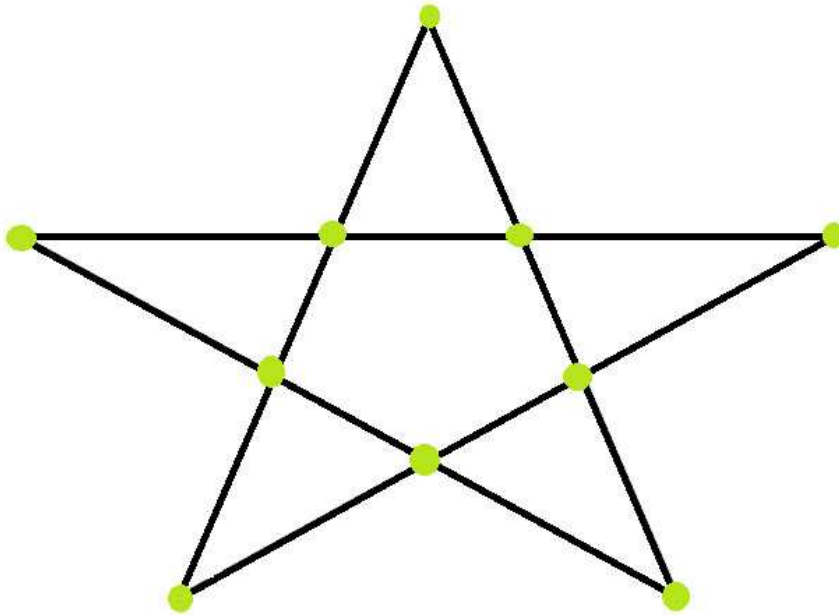
### TEXTO 35

*“A curva é o caminho mais agradável entre dois pontos”* (QUINTANA, 2012, 172).

### TEXTO 36

Colocar 10 soldados em cinco filas, tendo cada fila 4 soldados. A solução se encontra na figura de um pentágono estrelado, no qual se imagina os

soldados colocados sobre os lados e os vértices da figura, sendo que cada soldado aparece em duas filas:



(TAHAN, 2013, 167)

TEXTO 37

“Epitáfio para um banqueiro”:

**n e g ó c i o**  
**e g o**  
**ó c i o**  
**c i o**  
**o**

(PAES, 1986, 90)

## TEXTO 38



([http://www.antoniomiranda.com.br/poesia\\_visua/ronaldo\\_azeredo.html](http://www.antoniomiranda.com.br/poesia_visua/ronaldo_azeredo.html))

## TEXTO 39

### SEPARAÇÃO

*O martelo martela*

*ele ela*

*o elo se parte*

*o mar entre o  
par tornado*

*ímpar (PELLEGRINO, 1993, 95)*

#### TEXTO 40

*- Uma coisa! Vamos ver quem sabe. Por que é que o Par é Ímpar?*

*Todos abriram a boca, sem perceber onde ela queria chegar.*

*- Não sabem? Por uma razão muito simples: porque só tem três letras e o número três é imparíssimo! (LOBATO, 1965, 177)*

#### TEXTO 41

*Eu desconfiava:  
todas as histórias em quadrinho são iguais.  
Todos os filmes norte-americanos são iguais.  
Todos os filmes de todos os países são iguais.  
Todos os best-sellers são iguais.  
Todos os campeonatos nacionais e internacionais de futebol são iguais.  
Todos os partidos políticos*

*são iguais.*

*Todas as mulheres que andam na moda  
são iguais.*

*Todas as experiências de sexo  
são iguais.*

*Todos os sonetos, gazéis, virelais, sextinas e  
rondós são iguais*

*e todos, todos*

*os poemas em versos livres são  
enfadonhamente iguais.*

*Todas as guerras do mundo são iguais.*

*Todas as fomes são iguais.*

*Todos os amores, iguais iguais iguais.*

*Iguais todos os rompimentos.*

*A morte é igualíssima.*

*Todas as criações da natureza são iguais.*

*Todas as ações, cruéis, piedosas ou  
indiferentes, são iguais.*

*Contudo, o homem não é igual a nenhum outro  
homem, bicho ou*

*coisa.*

*Não é igual a nada.*

*Todo ser humano é um estranho  
ímpar. (ANDRADE, 2013, 263)*

TEXTO 42

## Pedro Tostes em “+ ou –”

sem cigarros  
bebidas  
gloria  
ou doces  
ilusões  
privado  
do direito  
de ir e vir  
viver ou  
mesmo ter  
prazer  
neste estar  
presente  
sempre  
tudo assim meio  
obrigado  
a ser feliz  
ter tudo  
sobreviver  
no meio  
desta selva  
onde se  
devoram  
os canibais  
mais  
ou  
menos

tentando

& tentando

fazer algo

que nos torne

mais humanos

(TOSTES,

2014,36)

### TEXTO 43

*“Calculista é o poeta que conta as sílabas e mede a cadência dos versos.” (TAHAN, 2013, 95).*

### TEXTO 44

#### HAIKU

*Como era*

*Botei um covão no fundo da gamboa.*

*No outro dia encontrei um telescópio*

*Cheio de estrelas.*

*Como deve ser:*

Cheinho de estrelas

Na funda gamboa um covão:

Mas, um telescópio. (CARDOZO, 1979, 25)

#### TEXTO 45

*- Não me agrada essa irmã gêmea.*

*Eu sou macho, ela é uma fêmea.*

*Eu sou bêbedo, ela é abstêmia.*(MILANO,  
1979,193)

#### TEXTO 46

*A antítese do novo e do obsoleto,*

*O Amor e a Paz, o Ódio e a Carnificina,*

*O que o homem ama e o que homem abomina,*

*Tudo convém para o homem ser completo!*

*O ângulo obtuso, pois, e o ângulo reto,*

*Uma feição humana e outra divina*

*São como a eximenina e a endimenina*



*Que servem ambas para o mesmo feto!*

*Eu sei tudo isto mais do que o Eclesiastes!*

*Por justaposição destes contrastes,*

*Junta-se um hemisfério a outro hemisfério.*

*Às alegrias juntam-se as tristezas,*

*E o carpinteiro que fabrica as mesas*

*Faz também os caixões do cemitério!...(ANJOS,  
1976, 109)*

#### *TEXTO 47*

*Eu sou trezentos, sou trezentos e cinquenta,  
As sensações renascem de si mesmas sem  
repouso,*

*Ôh espelhos, ôh Pireneus! Ôh caiçaras!*

*Se um deus morrer, irei no Piauí buscar outro!*

*(ANDRADE, 1974, 157)*

#### *TEXTO 48*

*Porque se Mário em tempos idos fora trezentos,*

*Um só tenho sido eu no martírio das horas,  
E nem sequer me encontro perdido que estou*

*Por entre mim insubmisso e tão pouco vário,  
Triste a não mais poder, velho senão moço,  
Rico e no entanto pobre, SÓ como um  
desprezo.(MOTTA,1988, 48)*

#### TEXTO 49

Falo somente com o que falo:  
com as mesmas vinte palavras  
girando ao redor do sol  
que as limpa do que não é faca (MELO NETO,  
1975, 75)

#### TEXTO 50

E uma curiosa história, envolvendo números, podemos ler no conto do húngaro Dezső Kosztolányi, *O tradutor cleptomaniaco*, em que um ladrão muito inteligente leva seu vício para o ofício da tradução. Vejamos um trecho:

*Eu também descobri aos poucos, gradualmente. Prestem atenção. A primeira frase do original inglês dizia assim: “As trinta e seis janelas do velho castelo, desgastado pelo vento, brilhavam. No primeiro andar, na salão de baile, quatro lustres de cristal iluminavam luxuosamente. Na tradução húngara estava: “As dezessete janelas do castelo, desgastado pelo vento, brilhavam. No primeiro andar, dois lustres de cristal iluminavam luxuosamente. Arregalei meus olhos e continuei a leitura. Na terceira página, o escritor inglês dizia: “Com um sorriso irônico, o conde Vitsislav abriu sua carteira recheada e atirou a quantia pedida, mil e quinhentas libras...” Isso foi interpretado da seguinte forma pelo tradutor húngaro: “Com um sorriso irônico, o conde Vitsislav abriu sua carteira e atirou a*

*quantia pedida, cento e cinqüenta libras...(KOSZTOLÁNYI, 1996,9)*

## TEXTO 51

*Começo declarando que me chamo Paulo Honório, peso oitenta e nove quilos e completei cinquenta anos pelo São Pedro.(RAMOS, 1981,12)*

*E um conto de réis tem mil notas de dez tostões. Vinte contos de réis são vinte mil notas de dez tostões. Parece que você ignora isto. Fala em vinte contos assim com essa carinha, como se dinheiro fosse papel sujo. Dinheiro é dinheiro.(...) Para começar, Padilha pediu oitenta contos.(...) Respirei e ofereci trinta contos. (...) Padilha, por camaradagem, consentiu em receber sessenta. (...) Avancei a quarenta. (...) Padilha escorregou a quarenta e cinco. Firmei-me nos quarenta. (...) Descontado o que ele me devia, o resto seria dividido em letras.(...) Deduzi a dívida, os juros, o preço da casa, e entreguei-lhe sete contos e quinhentos e cinquenta mil-réis. Não tive remorsos.(RAMOS,1981, 19-24)*

## TEXTO 52

*Não digo o mais, que foi muito. Nem ele sabia só elogiar é pensar, sabia também calcular depressa e bem. Era das cabeças aritméticas de Holmes ( $2 + 2 = 4$ ). Não se imagina a facilidade com que ele somava ou multiplicava de cor. A divisão que foi sempre uma das operações difíceis para mim, era para ele como nada: cerrava um pouco os olhos, voltados para cima, e sussurrava as denominações dos algarismos: estava pronto. Isto com sete, treze, vinte algarismos. A vocação era tal que o fazia amar os próprios sinais das somas, e tinha esta opinião que os algarismos, sendo poucos, eram muito mais conceituosos que as vinte e cinco letras do alfabeto. (...) acrescentou que as idéias aritméticas podiam ir ao infinito, com a vantagem que eram mais fáceis de menear. Assim que, eu não era capaz de resolver de momento um problema filosófico ou lingüístico, ao passo que ele podia somar. em três minutos, quaisquer quantias. (...)--Isto prova que as idéias aritméticas são mais simples, e portanto*

*mais naturais. A natureza é simples. A arte é atrapalhada. (ASSIS, 1988, 159-161)*

### TEXTO 53 (CHARADAS)

## O CRIME DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA

*Sentado na chapada, sua cabeça matemática estava fria e inteligente. Só agora ele parecia compreender, em toda a sua gélida plenitude, que fizera com o cão algo realmente impune e para sempre. Pois ainda não haviam inventado castigo para os grandes crimes disfarçados e para as profundas traições.(LISPECTOR, 1973, 146)*

*E agora, mais matemático ainda, procurava um meio de não se ter punido. Ele não devia ser consolado. Procurava friamente um modo de destruir o falso enterro do cão desconhecido. Abaixou-se então, e, solene, calmo, com movimentos simples – desenterrou o cão. O cão escuro apareceu afinal inteiro, infamiliar com a terra nos cílios, os olhos bem abertos e cristalizados. E assim o professor de*

*matemática renovara o seu crime para sempre.*(LISPECTOR,1973,147)

## TEXTO 54

Talvez o maior crime de alguns professores de matemática seja o de assassinar a criatividade, a curiosidade e a imaginação de seus alunos, impedindo que eles raciocinem sem perder o espírito lúdico. Como seria bom se os problemas matemáticos fossem apresentados como num texto de Bháskara, citado por Malba Tahan:

*“A quinta parte de um enxame de abelhas pousou na flor de Kadamba, a terça parte numa flor de Silinda, o triplo da diferença entre estes dois números voa sobre uma flor de Krutaja, e uma abelha adeja sozinha, no ar, atraída pelo perfume de um jasmim e de um pandnus. Dize-me, bela menina, qual o número de abelhas?”*  
(TAHAN,2013,144)

## TEXTO 55

*a poesia*

*antecipa o poema*

*o silêncio*

*a palavra*

*o rio ao tempo*

*o poema é um caleidoscópio*

*as palavras*

*caem*

*gotamente*

*no espaço*

*formando estranho*

*mosaico*

*as palavras pousam*

*pássaro*

*no dicionário*

*(até que o poeta lhes roube*

*a paz lhes espalhe as*

*asas)*



*o poeta adentra o corpo  
da palavra tentando decifrar  
o mistério de suas plumagens  
vislumbra na palavra o brilho  
de suas lâminas  
a poesia recolhe o mito  
denuncia a minha consciência  
mística  
a poesia recolhe a mágica  
se escreve como uma mate  
mágica (CLÁVER, 1977,192)*

#### TEXTO 56

*Emília deu um bocejo. Estava já enjoada de Aritmética.*

*- Meu Deus! Que preguiça de ouvir o Visconde explicar essas iscas de números que não acabam mais! Vamos brincar de alguma coisa.(LOBATO, 1965, 266)*

## TEXTO 57

“As iscas de números” não têm fim, como também a arte da palavra, como nos demonstra Clarice Lispector em “A pesca milagrosa”:

*Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra. Quando essa não-palavra morde a isca, alguma coisa se escreveu. Uma vez que se pescou a entrelinha, podia-se com alívio jogar a palavra fora. Mas aí cessa a analogia: a não-palavra, ao morder a isca, incorporou-a. O que salva então é ler distraidamente. (LISPECTOR, 1980, 41)*

Ler distraidamente, estudar matemática, distraidamente. E, como quis Leminski, *distraídos venceremos:*

*Até lá, observe-se*

*a mais estrita disciplina.*

*A sombra máxima*

*pode vir da luz mínima. (LEMINSKI, 1987, 16)*

## BRANCA DE NEVE

Branca de novo, olho para a folha  
Que me olha pálida de espanto.  
Bola de neve é escrever, garanto!  
Ou, quem sabe, o mesmo que soltar bolha.

Olho pra folha, espelho, espelho meu,  
E a folha falha, moça envenenada,  
Até parece bruxa enciumada,  
Olha a bolha de neve que cresceu!

Zangado nesta trilha perigosa  
Não fui feliz para encontrar a mina,  
Fico mudo e soneto não termina!

Sonolenta, esta página dengosa  
Começa a espirrar, vai ver que é

O mestre, meu avô, com seu rapé...

(Caio J. Maciel)